

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA

**POLÍTICAS E DESENVOLVIMENTO DO ESTADO
DE MATO GROSSO APÓS ABERTURA
COMERCIAL: ANÁLISE DA VISÃO DE DOIS
EMPRESÁRIOS ATUANTES NO SETOR**

Rudge Bueno

ARARAQUARA – SP

2015

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA**

**POLÍTICAS E DESENVOLVIMENTO DO ESTADO
DE MATO GROSSO APÓS ABERTURA
COMERCIAL: ANÁLISE DA VISÃO DE DOIS
EMPRESÁRIOS ATUANTES NO SETOR**

Rudge Bueno

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Gileno

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
UNESP, Campus de Araraquara, como parte das exigências
para graduação em Ciências Sociais.

ARARAQUARA – SP

2015

Agradecimentos

A meus pais pelo apoio moral durante minha vida acadêmica.

A meu orientador, Professor Doutor Carlos Henrique Gileno pelo suporte e compreensão durante a realização deste trabalho.

A Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara pela assistência provida durante a busca para me adequar enquanto produzia o trabalho.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram a concluir este trabalho.

SUMÁRIO

Tópico	Página
Lista de tabelas.....	V
Lista de siglas e abreviaturas.....	VI
Resumo.....	VII
Abstract.....	VIII
Introdução.....	01
Capítulo I – Aspectos Pertinentes ao estado de Mato Grosso	
1 População do estado de Mato Grosso.....	03
2 Agronegócio: Algodão no estado de MT.....	04
3 Indústria de transformação em MT.....	08
4 Política Industrial e Competitividade.....	09
Capítulo II – Apresentação e discussão das entrevistas	
1 Caracterizações dos entrevistados e das organizações estudadas.....	10
2 Visão sobre as características populacionais de MT.....	11
3 Desenvolvimento de MT: importância do setor algodoeiro e sua indústria....	13
4 Políticas públicas dentro das perspectivas dos entrevistados.....	16
Considerações finais.....	20
Referências.....	22
Anexo 1 – Roteiro.....	24
Anexo 2 – Entrevistas.....	26

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1: População urbana e rural de Mato Grosso no decorrer dos recenseamentos.....	03
Tabela 2: Área colhida, produção e produtividade do algodão em caroço no Brasil, período de 1990 a 2006.....	05
Tabela 3: Exportações Brasileiras de algodão em pluma - período de 1990 a 2006....	06
Tabela 4: Área colhida, produção e produtividade do algodão em caroço em MT (1990-2006).....	07
Tabela 5: Ranking de maiores municípios produtores de algodão em caroço em MT (2006).....	08
Tabela 6: Comparativo entre gestores entrevistados.....	11

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CEPEA	Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada
ESALQ	Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMPAER	Empresa de Pesquisa e Extensão Rural
FCO	Fundo Constitucional do Centro Oeste
MDIC	Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior
MT	Mato Grosso
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e estatística
IBPT	Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
SUDECO	Superintendência de Desenvolvimento do Centro Oeste
PAM	Produção Agrícola Municipal
PEA	População economicamente ativa

Resumo

RUDGE, B. **Políticas e desenvolvimento do estado de Mato Grosso após abertura comercial**: Análise da visão de dois empresários atuantes no setor algodoeiro. Araraquara, 2015. 37p. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP FCL, Araraquara.

Através de duas entrevistas realizadas com empresários do setor algodoeiro, busca-se evidenciar fatores políticos, econômicos e sociais contribuintes para a configuração do estado de Mato Grosso após a abertura comercial promovida na década de 90 e seus efeitos e consequências dentro da visão dos entrevistados. O estudo das Políticas Públicas é primordial para a descoberta da configuração de determinado local, avaliando avanços e possíveis erros em âmbito social, econômico e ambiental. Fora constatado através da análise das entrevistas que os centros urbanos tem se desenvolvido na medida em que as atividades industriais ligadas ao campo têm atraído mão de obra, e esta, está cada vez mais qualificada para desempenho do trabalho. Analisando as entrevistas, destacam-se algumas informações sobre o desenvolvimento de MT dentre os seguintes fatores e políticas públicas. A criação e a expansão das cidades do estado são possibilitadas através de investimento público e privado em infraestrutura. O desenvolvimento socioeconômico estadual está atrelado ao avanço do setor privado, que cresce através de avanços na tecnologia das lavouras em contraste à ocupação do cerrado, no tocante as lavouras algodoeiras. Os problemas enfrentados no Mato Grosso estão principalmente associados à infraestrutura da região, que conta com planos de investimento para os transportes e escoamento da produção mesmo antes da globalização. O padrão com agricultura modernizada, grandes lavouras monoculturas de alta produtividade e instalação de gigantes multinacionais foi implantado graças a dois eventos importantes: a abertura comercial em 1990 e a desvalorização cambial em 1999, que fragilizou o mercado e permitiu a entrada de tradings estrangeiras que adquiriram terras (deste mercado endividado e fragilizado do primeiro evento) e investiram diretamente e pesadamente na produção e modernização agrária.

Palavras-chave: políticas públicas, abertura comercial, Mato Grosso.

Abstract

After realizing two interviews, with distinct managers/businessmen working in the cotton industry, the objective is to put in evidence the political, economical and social factors that contributed to the formation and configuration of the Mato Grosso state, after the trade liberalization that occurred in the early 90's, it's effects and consequences in the eyes of the interviewed. The study of public policies is primordial to the discovery of the configuration of determined place, evaluating advances and possible errors in the social, economical and environmental areas. Through the analysis of the interviews it has been found that the urban centers have been developing with a direct link to the industrial activities related to agriculture and that the labor work force have also been attracted because of these changes, and as a consequence this labor force is now becoming more specialized to be able to accompany the jobs requirements in the industry. Analyzing the interviews, it is possible to highlight some information about the development of Mato Grosso, among those the following factors and public policies. The creation and expansion of the cities in the state are possible through public and private investment in infrastructure the socioeconomic development of the state is linked with the advances made in the private sector that grows because of advances made in crops technology in contrast to the occupation of the *cerrado*, in relation to the cotton crops. The problems that Mato Grosso is facing are mainly linked to the region infrastructure, that can count on investment plans to transportation and production flow that dates before the globalization era. The pattern that is seen today with top of the line agricultural production, big monoculture with high productivity and the arrival of multinational giants, was implanted because of two important events: the trade liberalization in the 1990's and the cambial depreciation in the 1999's, that made the market fragile and allowed the foreign trading to acquire lands (from an indebted and weakened market due to the first event) and invest directly and heavily in production and agrarian modernization.

Key-words: public policies, trade liberalization, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

O estado de Mato Grosso é hoje um dos maiores representantes do agronegócio brasileiro, porém o contraste entre economia e meio ambiente é muitas vezes conflituoso. O índice de desmatamento no Mato Grosso representou as maiores taxas no Brasil nos anos 2000, devido à expansão agrícola promovida no estado (LUEDEMANN, 2008). Sendo assim, é importante denotar que no plano político econômico, existem ações governamentais e privadas que podem alterar o equilíbrio entre economia e meio ambiente, muitas vezes influenciando também os aspectos demográficos no estado como um todo. São as chamadas Políticas Industriais. O estudo das referidas políticas é primordial para a descoberta dos impactos promovidos em determinada localidade, avaliando avanços e possíveis erros em âmbito social, econômico e ambiental.

O principal objetivo da presente monografia é descobrir se os grandes produtores, grupos ou empresas do agronegócio, dentro do segmento algodoeiro, desempenham papéis-chaves na configuração e desenvolvimento do Estado de MT no período pós-redemocratização, partindo da hipótese de que existem políticas e relações internacionais contribuintes para a manutenção e funcionamento do setor agrícola e da comunidade mato-grossense.

No plano metodológico, a monografia possui natureza exploratório-descritiva com abordagem qualitativa, sendo utilizado como método de pesquisa o estudo múltiplo de casos. Foram realizadas duas entrevistas direcionadas aos gestores de duas empresas atuantes no segmento algodoeiro de Mato Grosso, desde o começo da redemocratização (início das eleições diretas): uma empresa nacional e outra multinacional.

O caráter exploratório-descritivo da pesquisa condiz com a expectativa de descoberta de fenômenos ainda não compreendidos suficientemente pelo pesquisador, que pode elaborar novas hipóteses e questões para posterior análise, mesmo que já exista um estudo pré-planejado sobre o assunto (MALHOTRA apud GOSLING; GONÇALVES, 2004).

A pesquisa tem um aspecto qualitativo ao adotar variados métodos de investigação para os fenômenos nos locais onde ocorrem (empresas estudadas), tentando interpretar seus sentidos e significados. O fato de ser uma pesquisa qualitativa reside na densidade de pessoas, fatos e locais que constituirão objetos de análise, fornecendo material sensível à percepção e interpretação do pesquisador (CHIZZOTTI, 2003).

O método de estudo de caso pode ser definido como uma forma de se fazer pesquisa social empírica, que tem como objetivo investigar um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida real, tendo como principais características a utilização de múltiplas fontes de evidência e o fato das fronteiras entre o fenômeno e o contexto não serem claramente definidas (YIN, 1990). O autor propõe dois critérios para a escolha dos locais onde será realizada a pesquisa: locais onde resultados parecidos são constatados e que podem ser utilizados como material para produção literal; locais onde resultados contraditórios são percebidos e, da mesma forma, podem servir para formação teórica.

O método de coleta de dados é o de realização de entrevistas semi estruturadas aos gestores das duas empresas, compreendendo a utilização de um roteiro com questões pré-definidas com o intuito de receber respostas abertas dos entrevistados, permitindo ao pesquisador conduzir o processo para assuntos relacionados aos objetivos de forma mais ampla (BONI; QUARESMA, 2005).

O roteiro do trabalho, com as perguntas pré-determinadas, teve como finalidade a obtenção de informações para três pontos chave da pesquisa:

1. A caracterização dos gestores estudados;
2. Desvendar informações sobre políticas públicas que impactam sobre quaisquer atividades das empresas;
3. Em complemento a anotação anterior, descobrir pontos que podem ter influenciado (ou que influenciam) o desenvolvimento do Estado de MT, dentro do período compreendido para pesquisa, através da relação entre as respostas obtidas e os dados socioeconômicos de Mato Grosso levantados por instituições governamentais e outros trabalhos correlatos.

Capítulo I

ASPECTOS PERTINENTES AO ESTADO DE MATO GROSSO.

1 População do estado de Mato Grosso

O Mato Grosso cresceu muito nos últimos anos, após abertura comercial. A população residente no estado teve um incremento de aproximadamente quinhentos mil habitantes na década 2000-2010, e hoje está na casa dos 3 milhões de habitantes, sendo que destes, 2,4 milhões estão em áreas urbanizadas. Nota-se que o censo de 2010 apresentou um aumento na população rural de 6,9% com relação ao número anterior, representando um incremento de aproximadamente 40 mil habitantes. Apesar disto, a representatividade do cidadão que mora no campo, confrontado ao incremento dos que estão em áreas urbanas, apresenta um decréscimo de 2,43%. Conclui-se perante o dado, que a população aumenta mais nas cidades do que no campo.

Tabela 1 – População urbana e rural de Mato Grosso no decorrer dos recenseamentos.

Ano	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000	2010
Urbana	64.285	121.916	239.524	673.069	1.485.110	1.695.548	1.987.726	2.482.801
%cresc.		89,6	96,4	181,0	120,6	14,2	17,2	24,9
Rural	148.364	208.694	373.363	496.743	542.121	540.284	516.627	552.321
%cresc.		40,7	78,9	33,0	9,1	-0,3	-4,4	6,9
Total	212.649	330.610	612.887	1.169.812	2.027.231	2.235.832	2.504.353	3.035.122
%cresc.		55,5	85,4	90,9	73,3	10,3	12,0	21,1
Percentual Participação								
Urbana	30,23	36,88	39,08	57,54	73,26	75,84	79,37	81,8
Rural	69,77	63,12	60,92	42,46	26,74	24,16	20,63	18,2

Fonte: IBGE (Censo 2000 e 2010), organizada pelo autor.

O estado de Mato Grosso é um dos maiores produtores agrícolas do Brasil. Os produtos que se destacam são a soja, milho, sorgo, algodão e a pecuária. Pode-se dizer que foi na década de 1970 que efetivamente começou uma política de integração da região Centro-Oeste no contexto econômico nacional, permitindo o crescimento populacional em MT. A crise do petróleo e a opção do governo por ampliar a participação com *commodities* no mercado internacional foram determinantes para a implantação da agricultura na região dos

cerrados e chapadões, bem como seu aperfeiçoamento e desenvolvimento com a criação da EMBRAPA. Os diversos planos de desenvolvimento industrial a partir da década de 70 e a posterior abertura de diversas empresas de capital privado (principalmente multinacionais) na região influenciaram a fixação do trabalhador no estado, seja trabalhando na terra ou na indústria (LUEDEMANN, 2008).

A partir de 1990 tal movimento intensificou-se, através da abertura comercial que propiciou incremento do capital aplicado para produção voltada à exportação agrícola de *commodities*. A busca de populações de outras regiões do país por mais oportunidades de renda foi decisiva para formação dos centros urbanos, envolvendo serviços essenciais que foram ampliados conforme as necessidades. Houve também uma pressão governamental pela ocupação do interior do território nacional (incluindo MT), como medida estratégica para reforçar as fronteiras do país. Nesse contexto, o emprego industrial requer necessidade de qualificação e especialização dos trabalhadores, o que explica a transformação da população mato-grossense de rural para urbana a partir da abertura comercial (BERCHIELI, 2009).

2 Agronegócio: algodão no estado de Mato Grosso

Entre 1980 e 1990, o Brasil passou a importar algodão, graças à abertura comercial que permitiu que o algodão estrangeiro de maior qualidade entrasse no país com uma alíquota de importação reduzida. Tal fato enfraqueceu os produtores nacionais, que até então tinham a proteção do governo brasileiro, visto que o algodão estrangeiro era de melhor qualidade e mais barato, além de ser produzido em maior escala. Até esse ponto, a cultura do algodão não era feita na Região Centro-Oeste, sendo executada primordialmente nos estados do Maranhão e São Paulo apenas para a exportação à Inglaterra e para as indústrias têxteis instaladas em SP. Nota-se que de 1930 a 1990, não existiram políticas de incentivo à produção algodoeira, estando as atenções voltadas para a cafeicultura. No fim da década de 90, o algodão foi introduzido no Centro-Oeste, com o uso de novas tecnologias, o que trouxe a cultura maior qualidade e competitividade frente ao mercado externo (CORREA et al, 2003 apud SOUZA, 2008).

Ainda sobre o algodão, a Instrução normativa nº 63/02 do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento estabelece os conceitos, padrões, classificações e outras informações sobre o algodão e sua produção no Brasil. É importante denotar aqui duas das principais definições do algodão que geralmente aparecem nas pesquisas de produção e

produtividade: o algodão em caroço e o em pluma. O algodão em caroço é o produto maduro e fisiologicamente desenvolvido, oriundo do algodoeiro, que apresenta suas fibras aderidas ao caroço e que ainda não foi beneficiado. O algodão em pluma é o produto resultante da operação de beneficiamento do algodão em caroço.

Definidas as principais classificações do algodão, é importante situar os principais números da produção algodoeira no país. Segundo Souza (2008), dentro do período de abertura comercial (década de 90) até 2006, houve oscilação da produção algodoeira, que apresentou seu ápice em 2004 registrando 3.846.757 toneladas de algodão em caroço. A maior produtividade data de 2004, quando a cultura apresentou 3.302 kg/ha de algodão em caroço (Tabela 2). A exportação do algodão em pluma teve queda considerável na década de 90 (Tabela 3). Somente a partir de 2000, houve a recuperação das exportações, muito graças a implantação da cultura em Mato Grosso, onde foram aplicadas tecnologias e técnicas agrícolas que trouxeram qualidade e atraíram mercados internacionais para a fibra.

Tabela 2. Área colhida, produção e produtividade do algodão em caroço no Brasil, período de 1990 a 2006.

Período	Área colhida (ha.)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha)
1990	1.391.884	1.783.175	1.281
1991	1.485.963	2.041.123	1.373
1992	1.594.036	1.863.077	1.168
1993	922.593	1.127.364	1.221
1994	1.060.564	1.350.814	1.273
1995	1.103.536	1.441.526	1.306
1996	744.898	952.013	1.278
1997	620.417	821.271	1.323
1998	825.029	1.172.017	1.420
1999	669.313	1.477.030	2.206
2000	801.618	2.007.102	2.503
2001	875.107	2.643.524	3.020
2002	760.431	2.166.014	2.848
2003	712.556	2.199.268	3.086
2004	1.150.040	3.798.480	3.302
2005	1.258.308	3.666.160	2.913
2006	898.335	2.882.482	3.209

Fontes: IBGE/SIDRA/PAM - CONAB, 2007 apud Souza, 2008.

Indicador Diário Algodão CEPEA/ESALQ/Séries Estatísticas (2007) apud Souza, 2008.

Tabela 3. Exportações Brasileiras de algodão em pluma - período de 1990 a 2006.

Período	Quantidade (t)	Valor (US\$ FOB)
1990	1.960	420.772
1991	2.090	445.775
1992	1.380	369.292
1993	802	263.772
1994	850	296.608
1995	1.232	391.892
1996	639	280.863
1997	527	247.006
1998	2.553	3.604.804
1999	3.042	3.802.974
2000	9.402	10.195.696
2001	73.583	73.092.801
2002	82.911	64.540.411
2003	123.751	132.311.560
2004	249.335	305.149.098
2005	276.151	313.829.836
2006	651.649	289.834.999

Fonte: MDIC, 2007 apud Souza, 2008.

Os principais mercados importadores do algodão brasileiro são a Argentina, Indonésia, China, Japão, Tailândia, Taiwan. Os principais competidores são Estados Unidos e Austrália (SOUZA, 2008). A competitividade de algodão brasileiro apresenta níveis regulares quando comparado a estes países, mesmo com problemas enfrentados na concretização da safra.

A adaptação do algodão no estado do Mato Grosso, bem como sua expansão no cerrado foi um fato que pode ser atribuído aos avanços na pesquisa e desenvolvimento promovidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), a Fundação MT e a EMPAER-MT, permitindo uma evolução na produção e produtividade da cultura (SOUZA, 2008).

Cultivar o algodão no cerrado foi uma alternativa para os produtores de soja que tiveram problemas com a cultura da oleaginosa e viram no algodão, no cerrado, a opção para reverter os problemas financeiros (CARVALHO et al, 1999 apud SOUZA, 2008). A tabela a seguir (Tabela 4) mostra o panorama do cultivo do algodão em caroço no estado do Mato Grosso:

Tabela 4. Área colhida, produção e produtividade do algodão em caroço em MT (1990-2006).

Período	Área Colhida (ha.)	Produção (t)	Produtividade (kg/ha.)
1990	43.422	57.634	1,327
1991	68.443	73.458	1,073
1992	53.836	67.862	1,260
1993	69.584	85.641	1,230
1994	66.059	91.828	1,390
1995	69.390	87.458	1,260
1996	55.075	73.553	1,335
1997	42.259	78.376	1,854
1998	106.483	271.038	2,545
1999	200.182	630.406	3,149
2000	257.762	1.002.836	3,890
2001	412.315	1.525.376	3,699
2002	328.046	1.141.211	3,478
2003	290.531	1.065.779	3,668
2004	469.780	1.884.315	4,011
2005	482.391	1.682.839	3,488
2006	391.736	1.421.294	3,628

Fontes: IBGE/SIDRA/PAM/CONAB, 2007 apud Souza,2008.

Indicador Diário Algodão CEPEA/ESALQ/Séries Estatísticas (2007) apud Souza, 2008.

Mato Grosso têm 20 dos 35 municípios, maiores produtores de algodão do Brasil, com destaque para Campo Verde que é um dos maiores produtores de algodão em pluma do país. Em 2006 houve uma maior concentração do cultivo algodoeiro no sul do estado, sendo os municípios de Campo Verde, Pedra Preta, Primavera do Leste e Itiquira os maiores produtores (Tabela 5). (SOUZA, 2008, pg.32)

Tabela 5. Ranking de maiores municípios produtores de algodão em caroço em MT (2006).

Município	Produção (Toneladas)
Campo Verde	198.605
Pedra Preta	113.218
Primavera do Leste	107.344
Itiquira	85.278
Nova Mutum	40.139

Fonte: IBGE/SIDRA, 2007 apud SOUZA, 2008. Adaptada pelo autor.

3. Indústria de transformação em MT

A partir de 1990 a indústria passou a atuar não só como *trading* (apenas comércio) em todo o território nacional. Assim, grupos estrangeiros investiram diretamente na produção, bem como em opções para armazenamento e escoamento da produção para exportação via portos marítimos. Com a cultura da soja, desenvolvida com padrões que atraíram o capital estrangeiro, o estado de MT conseguiu desenvolver sua economia (LUEDEMANN, 2008).

O emprego na indústria de transformação mato grossense evoluiu em média 8,5% ao ano no período de 1985 a 2005, dentre as quais estão destacadas atividades como confecção de vestuário (indústria têxtil), alimentos e bebidas, bem como o beneficiamento de outras matérias primas como madeira e couro (BERCHIELI, 2009). As principais indústrias de transformação no estado são:

- Do setor alimentício, representando um crescimento anual médio de 1994 a 2007 de 5,6% e tendo como principais produtos a soja, milho, arroz, cana-de-açúcar, pecuária bovina, suína e de aves. Em 1994 o setor empregava 11.062 pessoas, enquanto que em 2007 passou a empregar 39.782.
- Do setor sucroalcooleiro, representando um crescimento anual médio de 1990 a 2007 de 9,8%.
- Do setor madeireiro, sendo que entre 1990 e 2007 foram explorados em Mato Grosso quase 50 milhões de m³ de madeira em tora. A região norte é a grande fornecedora de tal matéria prima (92,2% em 2007) dando ideia do avanço das fronteiras agrícolas.
- Do setor têxtil, sendo o algodão o protagonista. A indústria têxtil absorve cerca de 60% da produção mundial de fibra de algodão. O algodão foi implantado na região

centro-oeste através do uso de tecnologias avançadas e cultivo em grandes latifúndios. Tais técnicas, aliadas ao plantio no cerrado, e com a rotação de cultura com a soja, permitiram ganhos em capital para os produtores. De 1997 a 2007 a produção brasileira de algodão cresceu em média 17,5% ao ano, sendo que a Mato Grossoense cresceu 39,6% ao ano (BERCHIELI, 2009).

4 Política Industrial e Competitividade

No Brasil existem diversos fatores que dificultam a entrada de novas empresas no mercado: tributos, outras empresas, regulamentos (leis), elevado investimento de capital para entrada em alguns setores, entre outros (BESANKO et al, 2005).

Levando-se em conta tais desafios, podem-se distinguir duas correntes sobre as finalidades das Políticas Industriais. Na primeira, as Políticas Industriais seriam um conjunto de ações para sanar as chamadas falhas de mercado, decorrentes de imperfeições que fogem do padrão descrito como concorrência perfeita num padrão liberal da economia, atingindo o mercado como um todo, onde ofertas e demandas se balanceariam. A segunda corrente aponta a Política Industrial como estimulante à competitividade, visando a inovação, sendo esta última o combustível para o avanço da economia (SUZIGAN e FURTADO, 2008). Ainda neste sentido da importância da inovação no contexto da Política Industrial, o economista Michael Porter (1991), explica que a inovação entre os processos presentes na indústria é fator chave quando se busca a vantagem competitiva sobre a concorrência em longo prazo.

No Brasil, há baixo dinamismo na indústria, que pode ser explicado pelo despreparo diante da abertura comercial na década de 90, a carência de Políticas Industriais (que muitas vezes foram deixadas de lado graças ao foco em ajustes fiscais) e pelo baixo investimento em pesquisa e desenvolvimento - pouca inovação (OLIVEIRA, 2008).

Capítulo II

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS

1 Caracterizações dos entrevistados e das organizações estudadas

Neste capítulo, dar-se-á primeiramente a caracterização das entrevistas (Anexo 2), buscando contextualização com o Estado de MT, bem como evidenciação das particularidades para o estudo proposto. Os resultados são discutidos ao decorrer do capítulo com base na revisão abordada, levando em conta os aspectos populacionais do Estado, a visão sobre o setor algodoeiro, o desenvolvimento industrial regional e sua competitividade e também os demais aspectos anteriormente abordados sobre políticas públicas dentro do roteiro proposto.

Para o presente trabalho, foram realizadas duas entrevistas, em empresas do setor agrícola algodoeiro atuantes no Estado de MT. Para ambas, o foco foi dado à entrevista de um gestor, que permitisse a obtenção de informações através do roteiro metodológico proposto para chegar-se ao objetivo da pesquisa. Ressalta-se que as entrevistas deram-se graças ao agendamento de vídeo conferência proposto pelo pesquisador ao contatar os gestores. As empresas apesar de atuarem no mesmo setor, possuem algumas diferenças quanto à estrutura, abrangência e produtos/serviços que prestam. Apesar de tais diferenças, a visão com relação aos negócios se aproxima por se tratar do mesmo mercado e o mesmo locus no qual estão atuando.

O primeiro gestor abordado (Gestor A) é brasileiro, trabalha há 30 anos no mercado do algodão, sendo que a organização na qual está agora possui 5 anos de existência. Antes era gerente comercial, agora é gestor do próprio negócio. A primeira fábrica na qual o Gestor A trabalhou, cuidando do comércio do algodão em MT, contava com quatro pessoas. Agora ele é dono e comercializa por conta própria peças e implementos agrícolas sendo representante de duas outras companhias.

O segundo gestor participante (Gestor B) é norte americano, atua 35 anos com a venda de máquinas de processamento de algodão, sendo hoje diretor de vendas. A empresa na qual trabalhava, tinha 170 anos, sendo adquirida por outra de nacionalidade indiana, há mais ou menos 5 anos segundo o entrevistado. A produção do maquinário é feita na Índia e nos EUA, onde existe um escritório administrativo no qual o entrevistado exerce sua função. Nos EUA,

são cerca de vinte e cinco colaboradores. Na Índia o Gestor B estima que são cerca de mil empregados.

A seguir, segue tabela comparativa com a caracterização dos gestores participantes.

Tabela 6. Comparativo entre gestores entrevistados.

CARACTERÍSTICA	GESTOR A	GESTOR B
Nacionalidade	Brasileiro	Norte americano
Anos de trabalho no setor	30	35
Cargo	Gestor/representante (próprio negócio)	Diretor de vendas
Cargo anterior	Gerente comercial (vendas)	Vendedor/representante
Ramo de negócio	Máquinas e implementos agrícolas	Máquinas de processamento de insumos agrícolas
Setor	Agrícola, algodão	Agrícola, algodão

Fonte: o autor.

2 Visão sobre as características populacionais de Mato Grosso

O Gestor A, demonstra durante a entrevista que o Estado de MT está mudando e que consegue encontrar na região pessoas capazes de executar tarefas mais básicas como a venda dos produtos e a assistência técnica. Mas para a produção industrial, ele cita que é complicado, porquê é necessária mais especialização e educação técnica:

Hoje o MT melhorou muito do que era a 20 anos atrás com relação a estrutura educacional, mas ainda o estado não tem um potencial, um 100% de capacidade para atender a demanda de pessoas que precisariam de especialização, falta pessoa para qualificar as outras pessoa para o trabalho, o estado ainda tem muitos problemas com isso.

Condizente com a informação passada pelo Gestor A, sobre a falta de mão de obra especializada, Berchieli (2009) aponta que para a obtenção da vantagem competitiva no estado e obtenção de ganhos econômicos é necessário um conjunto de infraestrutura, mão de obra qualificada, envoltos por centros urbanos que ofereçam serviços.

Há também um aspecto demográfico de MT citado pelo Gestor A, tratando sobre a densidade. Ele cita que hora ou outra é preciso percorrer grandes distâncias dentro do Estado, sob uma malha viária ruim até encontrar outras cidades e pessoas, aumentando os custos para o trabalhador se deslocar. Contudo, nota-se através da entrevista, que há em sua percepção, que o algodão contribuiu para o crescimento do Estado, na medida em que promoveu avanços em toda a cadeia produtiva, gerando muitos postos de trabalho, avanços de tecnologia no campo que fortaleceram produtores, comércio e indústria. Regiões onde estão os grandes produtores de algodão e as maiores riquezas tem boa infraestrutura no geral e a renda das pessoas é melhor, propiciando o desenvolvimento das cidades (graças aos serviços entorno). O entrevistado cita ainda que esse crescimento não é necessariamente acompanhado de planejamento, principalmente nas cidades mais “velhas” (maiores).

Ishikawa (1994), citado por Souza (2008), explica que a estrutura de um setor, tal como do agrícola, é formada por diversos fatores como, por exemplo, tecnologia e atuação das empresas (comportamento), sendo que políticas macroeconômicas podem afetar e transformar a industrialização, urbanização e a agricultura de um local. Percebem-se tais mudanças na visão supracitada.

O Gestor B denota que surgiram muitas cidades sem pobreza e descaso que antigamente via em algumas cidades. Os centros mais novos são mais planejados, contendo melhor estrutura. Regionalmente, o Gestor B aponta que a parte oeste e norte do Estado, onde ficavam regiões mais rurais com fazendas de difícil acesso, estão agora mais acessíveis através de rodovias. O Gestor B também apontou que Cuiabá e as cidades vizinhas também cresceram muito, dando a entender analisando a entrevista como um todo, que trata-se de um incremento populacional absoluto e relativo, bem como do incremento da riqueza e oferta de serviços locais. Portanto, a visão do Gestor B, está alinhada com a do Gestor A quanto ao crescimento do processo de urbanização do estado de MT.

Sobre a população mato grossense, cabem considerações importantes sobre sua composição no decorrer das décadas. Luedemann (2008, p.43) aponta que o estado tem tido importantes movimentos migratórios de outros estados desde 1980, muito devido ao encarecimento e dificuldades quanto à divisão das terras nas regiões Sul e Sudeste, o estímulo do governo à agricultura em regiões antes ocupadas por cerrado e a expropriação de terras de pequenos proprietários no estado e em outras regiões do país. A taxa crescente de urbanização tem ligação com as relações capitalistas de produção. A configuração do estado atual, constatada na visão dos gestores entrevistados, com um cenário urbano crescente, também é

apontada por outros autores. A economia de urbanização denotada no estado ocorre graças a aglomeração de indústrias de diversos tipos nas cidades e também de serviços públicos oferecidos nesses centros para a população (SILVA, J. A. 2004, apud BERCHIELI, 2009, p. 35).

3 Desenvolvimento de MT: importância do setor algodoeiro e sua indústria

As informações transmitidas pelo Gestor A mostram que existem muitos desafios e entraves que poderiam ser suavizados pelo governo gerando maior crescimento para a economia da região. Houve reclamação principalmente quanto aos impostos e a margem reduzida de lucro que poderia ser maior. O Gestor A também cita que o mercado é instável e a mão de obra é cada vez mais cara. Dentro do campo internacional, macroeconômico, o gestor aponta que houve mudança no consumo após o ano de 2008 (ano de crise financeira mundial) e que guerras também causaram certa desaceleração no mundo. O mercado asiático também foi lembrado por ele, ao dizer que há uma busca maior pela qualidade dos produtos oferecidos e que agora, eles também se preocupam em produzir as matérias primas.

Alinhada à percepção do Gestor A, Souza (2008) aponta que o produtor brasileiro enfrenta adversidades, a partir da abertura comercial, como a concorrência com países produtores (como os EUA) que oferecem subsídios às suas culturas, atraso tecnológico e mudanças cambiais (que afetam as relações de importação e exportação).

Observando tal cenário, o Gestor A responde que para sobreviver, pretende expandir através da diversificação, entrando em novos mercados (citando construção civil ou indústria automobilística [tratores, máquinas agrícolas]) que teriam relação com o algodão. Souza (2008) aponta que a diversificação e a diferenciação, são estratégias, ou fatores, que podem resultar em ganhos para as empresas, e que relacionadas a outros (fatores) podem permitir obtenção de competitividade dentro do mercado.

O excesso de burocracia também foi lembrado como um problema, decorrente da dificuldade da abertura e formalização dos negócios – abertura de empresa e demais contratos decorrentes das atividades desempenhadas.

As malhas viárias de MT também foram criticadas pelo Gestor A, que disse que há um problema logístico com relação às distâncias e aos custos enfrentados. Claramente há uma alusão ao uso das ferrovias ao invés das rodovias.

Quanto ao desenvolvimento o Gestor A citou que Rondonópolis, Cuiabá e Lucas do Rio Verde, tiveram grande desenvolvimento. Ainda lembrou que Primavera do Leste e Sinop, são cidades que estão recebendo agora os efeitos da indústria do agronegócio e estão intensificando o desenvolvimento. O crescimento de cidades mais antigas, segundo o entrevistado, continua sem um planejamento específico - desordenadamente.

Em comum à percepção do Gestor A, o Gestor B apresentou algumas críticas à logística em MT, apontando uma infraestrutura frágil para as viagens no Estado onde grandes distâncias tem de ser percorridas para execução dos negócios. Mesmo assim, mostra-se otimista ao perceber a evolução de sua carteira de clientes:

Eu acho que o governo do Brasil parece estar mais favorável pelo número de pessoas que agora eu atendo com meus serviços (...) agora mais produtores procuram nossos produtos, olhando também pelo desenvolvimento do estado do MT também parece que as coisas melhoraram um pouco. Acho que as maiores dificuldades do dia-a-dia são as grandes distancias a percorrer numa malha viária tão danificada.

Souza (2008, p.115) afirma que o Mato Grosso e o país como um todo, possui infraestrutura precária que dificulta a realização das atividades econômicas, enquanto que outros países produtores de algodão (e também outros commodities) ganham perante os concorrentes por terem investido no que é hoje um problema no Brasil. O autor ainda conclui que é a quantidade exportada das commodities que garantem a receita e manutenção dos produtores de soja e algodão no país, vista a falta de competitividade perante outros mercados que não enfrentam tamanhos entraves no transporte/escoamento.

O Gestor B cita que com a abertura do mercado, a demanda pelos produtos aumentou e as negociações passaram a ser muito mais rigorosas, dando a entender que a complexidade dos contratos é grande. Tanto Luedemann (2008) quanto Souza (2008) contrariam a visão do Gestor B, com a desmistificação das consequências da abertura comercial, puxando o histórico do setor algodoeiro. De 1980 a 1990, o que se tem, é um mercado produtor mais pulverizado, sem a presença de grandes indústrias e pouco mecanizado, munido de uma taxa de importação da fibra de algodão de 55% (1986) que passou a 0%(1990) com a abertura comercial. A mudança resultou na entrada do algodão estrangeiro, que era produzido a um

custo mais brando e vendido a preço mais acessível, quebrando o mercado brasileiro. Trata-se de uma questão de ponto de vista: o Gestor B é americano. Por enxergar um maior volume nos negócios, é provável que dentro da visão, trata-se das exportações de produtos americanos (indianos após aquisição) para o Brasil, gerando maior número de contratos e negócios.

Desde 1990, políticas neoliberais com privatizações e abertura de mercado enfraqueceram o setor agropecuário que, vulnerável, foi voltado para exportação e dependência de investimentos externos diretos para sua ampliação e manutenção. Nota-se também que os avanços das fronteiras agrícolas ocorrem com a permissividade do governo perante o desmatamento, que nos anos 2000 atingiu as maiores taxas do Brasil (LUEDEMANN, 2008).

A mão de obra, segundo o Gestor B, está mais qualificada. Antigamente era necessário trazer equipes maiores para o país para cumprimento das atividades. Hoje apenas alguns engenheiros dão conta do trabalho mais especializado:

Atualmente o estado parece prover uma melhor estrutura para nossos clientes, antigamente tínhamos que trazer uma equipe extremamente numerosa para que nosso maquinário fosse instalado corretamente no Brasil (...) pouco se podia oferecer do Brasil além de peões, agora nos dias atuais conseguimos fazer o mesmo trabalho com um trio ou uma dupla apenas de engenheiros nossos.

A mão de obra barata é um componente para a vantagem na produção industrial em relação a outros países, assim como a extensão de terras agriculturáveis, nível tecnológico empregado nas atividades entre outros. A qualificação destes trabalhadores dar-se-á conforme as necessidades de operação e adequação de novas tecnologias na produção. (FERNANDES, 2007 apud SOUZA, 2008) Percebe-se, através da análise das entrevistas, que a mão de obra está acompanhando a mecanização das lavouras algodoeiras, portanto a tendência, é que MT terá o terceiro setor (comércio e serviços) crescente, bem como especialização da mão de obra, que do trato manual da lavoura antes da globalização, migra para as cidades ou qualifica-se para operar as máquinas inseridas no campo.

O alto padrão de qualidade e produtividade do algodão em Mato Grosso, também está associado à mão de obra existente no Estado, percebida como “melhor” (mais qualificada no decorrer destes anos) pelos gestores A e B. Para Luedemann (2008) a alta qualidade das

lavouras em Mato Grosso é dada graças à modernização que traz o aumento de custos de mão de obra, insumos e máquinas.

Quanto ao perfil do mato grossense tem-se que a população urbana do estado de MT supera a rural a partir da década de 80 (79,4% contra 20,6% de participação respectivamente), refletindo a mecanização e modernização da atividade agrícola. A dinâmica populacional mato grossense pode ser entendida por um movimento migratório de outros estados que chegam para suprir a necessidade no campo e outro que é o êxodo rural para as cidades mais recentes provocado pela mecanização de culturas como a soja e o algodão que necessitam de pouca mão de obra no campo a partir da modernização. A população economicamente ativa (PEA) de Mato Grosso apresenta maior grau de escolaridade associado ao desenvolvimento das indústrias na região, que é mais exigente e necessita de trabalhadores mais capacitados para desempenho das atividades. (BERCHIELI, 2009)

4 Políticas públicas dentro das perspectivas dos entrevistados

O Gestor A cita que a abertura de mercado nos anos 90, ajudou no desenvolvimento dos negócios. Lembrou também da criação do bloco econômico – Mercosul. Explicou que antes não havia tantas linhas de crédito ou bancos desenvolvimentistas. Também voltou a enfatizar a importância de expandir a infraestrutura semelhante à do Estado de São Paulo. O Gestor A aponta que o governo tem sido mais desfavorável devido a alta carga tributária. Os impostos segundo ele são arrecadados, mas não voltam como benefícios:

(...) eles têm uma alta arrecadação com impostos e esse dinheiro não vai para uma infraestrutura melhor, para linhas de créditos que seriam mais baratas e que sejam distribuídas melhor pra quem precisa e não para as grandes corporações, que já tem uma boa condição, precisariam ir pra pequenas e médias empresas.

O Em um ranking elaborado pelo Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT) contendo 30 países, o Brasil é o último colocado no que se refere ao retorno dos impostos ao cidadão, ficando atrás de vizinhos, como por exemplo Uruguai e Argentina (11º e 19ª no ranking respectivamente). Tal fato, explica o descontentamento do Gestor A com relação a carga tributária. Dando maior fundamento a reclamação sobre os tributos feita pelo

Gestor A, Valdes (1996) apud Souza (2008) explica que a política tributária é uma das variáveis que, junto a muitas outras, influenciam na determinação da vantagem competitiva dos produtos. A política cambial seria outra variável importante na questão. Em 1999, com o fim da política do câmbio valorizado, o mercado mato grossense passou a ser essencialmente agroexportador, já que a desvalorização da moeda foi decisiva para que os produtores voltassem suas produções para o mercado internacional. Tal fato, persiste até os dias atuais, vistos os negócios desempenhados pelos Gestores A e B e também suas opiniões sobre a região.

Percebe-se também que há uma discrepância quanto às linhas de crédito oferecidas e que a visão do Gestor A demonstra claramente que os pequenos e médios empresários não são o foco. Essa percepção do Gestor A, não ocorre por acaso. Após a abertura comercial, as principais linhas de crédito são oferecidas através do BNDES e Banco do Brasil, estando atreladas à projetos e retornos de capital acrescidos de juros aos referidos bancos, sendo mais acessíveis às grandes corporações do que a pequenos empresários ou mesmo agricultores de subsistência. (LUEDEMANN, 2008)

O Gestor B afirma que o Brasil, bem como outros países, deve se preocupar com a qualidade da produção algodoeira e que há certa preocupação governamental com as lavouras.

Eu acredito que o Brasil como os outros países em que trabalho deve ter um desenvolvimento focado na produção das plantas do algodão, isso é algo básico para que se mantenha a qualidade do produto no mercado internacional. Lembro também de um episódio onde fui visitar alguns clientes numa reunião que parecia ter sido convocada pelo governo para alertar aos perigos de novas pragas, isso me parece uma parceria saudável para que se mantenham protegidas as culturas como a do algodão.

Para abordar a questão da qualidade e tecnologia é essencial acrescentar a evolução da EMBRAPA, que é uma das principais instituições brasileiras pertinentes ao desenvolvimento agrícola, no decorrer das décadas para justificar a visão supracitada do Gestor B. A EMBRAPA é uma instituição com uma história controversa. Apesar dos incentivos à lavoura através da biotecnologia, pesquisa e desenvolvimento voltados a produção agropecuária e conseqüente incremento das lavouras que compõe o resultado agrícola do país, a instituição

sofreu muitos cortes de verbas públicas a partir da abertura comercial promovida em 1990. O reestabelecimento da instituição se deu envolto à disputa de patentes e migração de funcionários para outras instituições do Estado, muitas associadas ao setor privado, que através de multinacionais aplicou a tecnologia ao campo, transformando a região natural do Estado no que é hoje, com grandes lavouras de alta produtividade, mão de obra especializada e alto índice de mecanização (LUEDEMANN, 2008).

Há ainda a afirmação de pretensão de investimentos nos mercados emergentes. O Gestor B afirma que no longo prazo os planos existem, fato que traria possivelmente mais negócios para MT. Segundo o Gestor, houve certa dificuldade para a empresa nos últimos tempos, que quase faliu, sendo restaurada graças à aquisição da firma americana por parte dos indianos. Ainda nesse sentido, a empresa enfrenta um novo entrave com relação à marca, sendo que o produto é o mesmo, mas o “selo” americano é mais atraente que o indiano perante o mercado brasileiro.

Dentro das políticas públicas executadas em MT e região Centro Oeste, vale citar algumas informações, mesmo que não de conhecimento dos gestores entrevistados. Luedemann (2008) afirma que as grandes corporações, após a abertura comercial e desvalorização cambial, passaram de “tradings puras” para investidoras diretas para eliminação de problemas, gargalos, no que se refere ao escoamento da produção e execução dos demais negócios. Nesse sentido, alinhado com as entrevistas, percebe-se que a infraestrutura do Estado tem avançado via investimento externo direto, principalmente, segundo o autor, quanto à logística e transportes.

Fora do ramo privado, consta no histórico de políticas públicas implementadas no Estado, o resgate das superintendências SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste) e SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia) com planos e iniciativas de formação de distritos industriais regionais e políticas de crédito e financiamento realizados pelo FCO e do BNDES. Também foram concedidos incentivos fiscais estaduais dados para atrair empresas a se fixarem na região a partir de 1988 – política esta que é recorrente até o presente. A SUDECO foi responsável pelos planos de ocupação da região Centro Oeste, norteando a evolução regional com planos de habitação, expansão de infraestrutura (essencialmente abertura de estradas e ferrovias) e aproveitamento do espaço natural para execução de atividades econômicas. Mais a frente, dentro do aproveitamento do espaço natural, o governo permitiria a expansão agrícola para o cerrado e Amazônia. Vale citar que a SUDECO foi extinta em 1990 pelo governo Collor (sob o pretexto neoliberal de

estado mínimo) e recriada em 2009, com a mesma missão desenvolvimentista (BERCHIELI, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando-se ao objetivo proposto, pode-se identificar nas entrevistas que Mato Grosso enfrenta mudanças sociais. Centros urbanos têm se desenvolvido na medida em que as atividades industriais ligadas ao campo (e sua mecanização) têm atraído mão de obra, e esta, está cada vez mais qualificada para desempenho do trabalho. Analisando as entrevistas, destacam-se algumas informações sobre o desenvolvimento de MT dentre os seguintes fatores e políticas públicas.

- A competitividade das lavouras de algodão em MT tem relação direta com o investimento governamental: dado através de instituições que fomentam ciência e tecnologia, tais como a EMBRAPA; a especialização da mão de obra; e a construção de infraestrutura adequada para escoamento da produção, sendo que ambos os gestores percebem os gargalos e melhorias pós-abertura comercial.
- A urbanização no estado é um aspecto presente na visão dos Gestores e comprovada através dos dados apresentados. O desenvolvimento de cidades planejadas na região tem como propósito o atendimento das demandas do mercado de trabalho e anseio por melhores condições de vida e é possibilitado através de investimentos públicos e privados em infraestrutura.
- A logística que dita o escoamento da produção e também o movimento dos trabalhadores aos seus empregos é alvo de preocupação pública desde antes da abertura comercial, sendo fator crítico para o desenvolvimento econômico e social regional.
- O espaço natural de Mato Grosso continua em transformação através da expansão das atividades agrícolas, principalmente as lavouras de soja e algodão, para o cerrado. Tal avanço ocorre em detrimento do meio ambiente e foi impulsionado por políticas públicas. Há aqui grande discussão, já que economia e preservação do meio ambiente nem sempre se conciliam nas leis brasileiras.

Ainda, a análise das entrevistas permitiu identificar, dentro do objetivo proposto do trabalho, que o desenvolvimento do Estado de MT é impulsionado pelo agronegócio, principalmente das monoculturas exportadoras. A configuração do Estado como conhecemos hoje, é uma combinação do retorno dos impostos arrecadados em infraestrutura e do padrão

agricultor estabelecido ao longo dos anos (sendo um estado “celeiro”) com indústria ligada a estas atividades. O padrão com agricultura modernizada, grandes lavouras monoculturas de alta produtividade e instalação de gigantes multinacionais foi implantado graças a dois eventos importantes: a abertura comercial no governo Collor em 1990, que retirou taxas protecionistas, quebrou a agricultura nacional que não era competitiva perante de outros países e fragilizou o mercado, que em 1999, com a desvalorização cambial, permitiu a entrada de tradings estrangeiras que adquiriram terras (deste mercado endividado e fragilizado do primeiro evento) e investiram pesadamente na produção e modernização agrária. A conclusão é que o padrão agroexportador segue até então, conforme a Divisão Internacional do Trabalho, que diz que os países devem especializar-se conforme suas aptidões.

As entrevistas realizadas com os gestores trazem mais aspectos econômicos do que sociais, sendo que os dois campos estão intimamente associados. O presente trabalho resgata as transformações no estado através da ótica de dois gestores. A visão de trabalhadores de base sobre tais transformações pode trazer aspectos mais socioeconômicos, sendo esta uma hipótese plausível para futuros trabalhos.

REFERÊNCIAS

BERCHIELI, R. **Uma análise da indústria de transformação de Mato Grosso no período de 1980 à 2007**. Dissertação (Mestrado), UFMT, 2009, 175p.

BESANKO, D. et al. **A Economia da Estratégia**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº1 (3), janeiro-julho/2005, p.68-80. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>> Acesso em: 19 de jun. 2015.

CHIZZOTTI, A. **A Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios**. Revista Portuguesa de Educação, ano/vol. 16, n.2. Universidade do Minho, Braga, Portugal, p. 221-236.

GOSLING, M.; GONÇALVES, C. A. **Idéias Metodológicas dos Autores de Estratégia dos ENANPADS: Uma meta-análise**. REAd, Ed. 41, vol. 10, nº5, set-out.2004.

IBGE. **Censo 2000**. Acesso em 25 de março de 2015, disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Acesso em 25 de março de 2015, disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/default.shtm>

IBGE. **Censo 2010**. Acesso em 25 de março de 2015, disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>

IBPT. **Pelo 5º ano seguido, Brasil arrecada muito, mas não dá retorno**. Acesso em 25 de setembro de 2015, disponível em:
<http://www.ibpt.com.br/noticia/2171/Pelo-5o-ano-seguido-Brasil-arrecada-muito-mas-nao-da-retorno>

LUEDEMANN, M. S. **As Transformações Recentes em Mato Grosso**. Ourinhos, Revista Geografia e Pesquisa, n.1 vol. 3, pag. 1-144, 2009.

MAPA. Sistema de Consulta a Legislação (SISLEGIS): Instrução normativa nº 63 de 05 de dezembro de 2002. Acesso em 27 de abril de 2015, disponível em:
<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/sislegis/action/detalhaAto.do?method=visualizarAtoPortalMapa&chave=1481600449>

OLIVEIRA, R. F. **Política de Inovação Tecnológica na Indústria Brasileira de 1990 a 2008**: Um Estudo dos Clusters no Brasil. São Paulo, FAAP, 2008, 52p.

PORTER, M. E. Análise estrutural de indústrias. In: **Estratégia Competitiva**. Rio de Janeiro: Campus, cap. 1, 1991.

SOUZA, S. S. S. **Análise de competitividade do algodão e da soja de Mato Grosso no período de 1990 a 2006**. Dissertação (Mestrado), UFMT, 2008, 121p.

SUZIGAN, W; FURTADO, J. **Política Industrial e Desenvolvimento**. In: Revista de Economia Política, vol. 26, nº2, p. 163-185, abril-junho/2006.

YIN, R. K. **Case Study research: design and methods**. EUA: Sage Publications, 1990.

Anexo 1: Roteiro

Caracterização da empresa e gestor

Qual seu cargo na empresa?

Há quantos anos você trabalha na empresa?

Há quantos anos a empresa atua/existe?

Em quais mercados a empresa atua? (nacional/internacional)

Tem conhecimento de quantos colaboradores a empresa possui?

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do mercado nacional?

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do panorama internacional?

Quais as pretensões para a empresa a curto e longo prazos?

Desenvolvimento do estado de MT

Considera a mão de obra da região adequada para realização das atividades da empresa?

Existem cursos ou treinamentos para qualificação do trabalhador?

Como considera a relação entre a empresa e o espaço na qual ela está inserido? Houve dificuldade na execução das atividades?

Qual a sua percepção do setor algodoeiro no desenvolvimento do estado de MT? (cidades com alta concentração de produtores de algodão)

Aonde em suas viagens você percebe a maior mudança no espaço devido ao desenvolvimento da indústria?

Como você enxerga as mudanças no estado de Mato Grosso, principalmente quanto às cidades próximas as atividades da empresa?

Considera que o Governo atua favoravelmente ou que ele atrapalha as atividades? Explique. Quais as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia?

Investigação de políticas públicas

Desde os anos 90, notou políticas governamentais favoráveis aos negócios? E alguma política desfavorável?

Tem conhecimento de algum tipo de incentivo que se aplicado pelo Governo poderia ajudar nos negócios?

Anexo 2: Entrevistas.

Entrevista Gestor A

Há quantos anos a empresa atua/existe? Qual seu cargo na empresa? Há quantos anos você trabalha na empresa?

Trabalho há 12 anos no ramo.

A primeira empresa que trabalhei está há mais ou menos 30 anos no mercado de algodão. Há minha empresa está há 5 anos.

Na primeira empresa trabalhei como gerente comercial. Agora sou gestor da minha própria empresa.

Em quais mercados a empresa atua? (nacional/internacional)

Tem conhecimento de quantos colaboradores a empresa possui?

Na fábrica da primeira empresa onde cuidei do segmento comercial de algodão no MT trabalhávamos no estado do MT em 4 pessoas. A empresa ainda possuía uma fábrica em SP. Agora sou o único empregado da minha própria empresa que fabrica e comercializa peças e equipamentos e represento 2 outras companhias, tudo ainda dentro do ramo do algodão.

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do mercado nacional?

Hoje o maior desafio seria tentar sobreviver dentro de um mercado que é sobrecarregado sobretaxado com custo de operação muito alto. O principal é os altos impostos que pagamos no Brasil que sobrecarregam as empresas, as margens são muito apertadas, cada vez temos que trabalhar mais para manter o negócio aberto, e com um mercado instável como o atual a carga dos impostos dificulta que você se mantenha no mercado.

Outro problema que vejo é a falta de incentivo para pequenas e média empresas, faltam linhas de créditos para que se possa fomentar o negócio. A recessão atual deixou tudo mais difícil, temos que trabalhar mais e com menos margens de lucro. É difícil crescer.

Outro problema é a mão de obra que cadê vez parece pior e mais cara.

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do panorama internacional?

No panorama internacional, o mundo inteiro mudou depois da crise de 2008 os mercados não são mais os mesmos, eu acho que o que muda é que diminuiu muito o consumo após a crise e

a especulação continua muito grande. Ainda tivemos as crises nos países árabes que fomentaram umas guerras e conflitos que removeu e diminuiu um consumo, então essas crises políticas e quedas de governos contribuíram para a desaceleração do mundo inteiro, hoje acho que há poucos países que lucram depois desses problemas terem ocorrido.

Outro ponto é que os países asiáticos cresceram muito, durante muito tempo eles eram consumidores, hoje são produtores e consumidores de commodities, eles entraram forte no mercado, o fato deles terem mão de obra quase escrava tornou difícil concorrer com eles. Antes eles tinham uma qualidade ruim hoje eles já melhoraram muito.

Quais as pretensões para a empresa a curto e longo prazos?

No curto prazo, quero fazer meu faturamento aumentar, a principio, expandir, abrir a minha gama de produtos, não acho que posso ficar só no mercado de algodão, acho que toda a empresa com algum parque industrial eles devem diversificar, deve se estar pronto para entrar num novo mercado e poder diversificar para sobreviver. Hoje estou no mercado agrícola com uma empresa no ramo metal/mecânico, porem estou buscando outros segmentos, construção civil, automobilística, qualquer coisa que puder integrar.

No longo prazo quero tentar aumentar minha participação no mercado, queria entrar em um mercado novo, porem se ficar só no mercado de algodão não conseguiria sobreviver, então hoje penso em outro mercado para que possa obter ganhos para assim aumentar minha participação nos mercados.

Desde os anos 90, notou políticas governamentais favoráveis aos negócios? E alguma política desfavorável?

Acho que abertura do mercado para importação e exportação ajudou, a criação do MERCOSUL ajudou. Antes não se tinham as linhas de crédito, melhorou então as linhas de credito, mas elas poderiam ser melhores, antes dos anos 90 praticamente não tínhamos bancos como o BNDS. Acho que se a infraestrutura do estado de SP se fosse expandida para o resto do país acarretaria em uma grande melhora. Acho que o que mais pega hoje para qualquer empresa é o grande encargo trabalhistas, na questão de contratação ainda é muito alto é difícil gerar emprego, a burocracia para aberturas de novas empresas ou alterações é muito grande, precisa-se ter licença para tudo, bombeiros e etc. tem que se mexer com muitos órgãos públicos, talvez se isso fosse incumbido de apenas um órgão as coisas seriam mais fáceis e baratas.

Tem conhecimento de algum tipo de incentivo que se aplicado pelo Governo poderia ajudar nos negócios?

Acho que hoje se fossem diminuídos os impostos, esse seria o principal avanço o que iria surgir mais resultados agora. Algum aumento na infraestrutura do estado do MT também ajudaria a melhorar o setor.

Considera a mão de obra da região adequada para realização das atividades da empresa? Existem cursos ou treinamentos para qualificação do trabalhador?

Acho que hoje tenho mais condições de conseguir pessoas, parte do meu processo encontro pessoas lá que possam fazer, parte de comercialização e assistência técnica. Porém na parte de processo pra a industrialização é muito restrito. Hoje o MT melhorou muito do que era a 20 anos atrás com relação a estrutura educacional, mas ainda o estado não tem um potencial, um 100% de capacidade para atender a demanda de pessoas que precisariam de especialização, falta pessoa para qualificar as outras pessoa para o trabalho, o estado ainda tem muitos problemas com isso.

Como considera a relação entre a empresa e o espaço na qual ela está inserido? Houve dificuldade na execução das atividades?

Acho que o maior problema do Mato Grosso hoje seria a malha viária, os custo do transporte devido à péssima malha viária e a distancia do MT dos polos de produção de combustíveis. È um estado muito grande com baixa densidade demográfica, um estado onde caberiam dois estado de SP com nem metade da população, então ter que percorrer altas distancias aumenta demais o custo de se trabalhar lá.

Aonde em suas viagens você percebe a maior mudança no espaço devido ao desenvolvimento da indústria? Como você enxerga as mudanças no estado de Mato Grosso, principalmente quanto às cidades próximas as atividades da empresa?

O que o algodão contribuiu para o crescimento do estado, acho que o algodão é uma cultura com uma extensa cadeia produtiva, necessita bastante mão de obra então gera muito emprego, é um cultura que necessita alto investimento em maquinário que fomenta o comercio e a indústria, e é uma cultura que dá uma renda muito boa para o produtor. O que obsevamos nas

regiões do estado onde o algodão é produzido tem uma boa infraestrutura a renda das pessoas é boa, o desenvolvimento das cidades é melhor.

As principais cidades que tiveram um desenvolvimento muito grande devido a indústria seriam Rondonópolis, Cuiabá e Lucas do Rio Verde, essas seriam as principais, outras com um crescimento não tão grande seriam: Primavera do Leste e Sinop, cidades onde estaria começando a indústria do agronegócio a se desenvolver.

O que observamos lá é que todas tiveram uma melhora, umas com mais intensidade que outras algumas com mais problemas que outras. O que se observa é que as cidades mais velhas continuam tendo um crescimento porém esse crescimento é menos planejado.

Considera que o Governo atua favoravelmente ou que ele atrapalha as atividades?

Explique. Quais as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia?

O que percebi nos últimos anos é que o governo tem sido mais desfavorável do que favorável. Porque eles têm uma alta arrecadação com impostos e esse dinheiro não vai para uma infraestrutura melhor, para linhas de créditos que seriam mais baratas e que sejam distribuídas melhor pra quem precisa e não para as grandes corporações, que já tem uma boa condição, precisariam ir pra pequenas e médias empresas.

Em relação a o dia a dia, pra mim a dificuldade é eu estar em São Paulo e ter que atender o MT ou seja a distancia, apesar dos meios de comunicação hoje como e-mail, *Whatsapp* e *Skype* diminuírem a dificuldade. Mas nada supera você estar ao lado do cliente, minha ideia é futuramente eu ter uma unidade no estado do MT.

Acho que a implantação das novas beneficiadoras de algodão, principalmente nos últimos 10 anos, a mecanização da colheita, e as novas tecnologias de sementes que possibilitam ser feito até duas safras por anos, o sistema de plantio direto como é chamado. O pouco que o governo fez para o desenvolvimento foi facilitar a importação para trazer essas tecnologias para o Brasil, e de alguma forma o aumento da linha de crédito para desenvolvimento de tecnologia e ampliações.

Entrevista Gestor B

Há quantos anos a empresa atua/existe? Qual seu cargo na empresa? Há quantos anos você trabalha na empresa?

Trabalho há 35 anos no ramo de vendas de maquinário para processamento de algodão

A empresa que originalmente trabalhei existia há mais ou menos 170 anos até ser comprada por uma empresa indiana há aproximadamente 5 anos atrás. Agora toda a parte da produção é feita na Índia e ainda mantemos um escritório administrativo nos EUA.

Sou diretor de vendas da empresa atualmente.

Em quais mercados a empresa atua? (nacional/internacional)

Tem conhecimento de quantos colaboradores a empresa possui?

No escritório dos EUA onde trabalho são mais ou menos 25 pessoas com os colaboradores, já na indústria na Índia são mais de mil funcionários, não consigo determinar ao certo.

A empresa originalmente quando era nos EUA somente trabalhava no setor de processamento de algodão e suas tecnologias, agora na Índia também trabalham no ramo de estruturas de metal e maquinário de metal pesado.

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do mercado nacional?

O maior desafio que encontramos no Brasil atualmente é se reinserir após a compra pela empresa indiana, existe algum ceticismo sobre a qualidade do produto indiano por parte dos brasileiros. Quando a marca era somente americana tínhamos mais credibilidade.

Qual o maior desafio da indústria na qual atua, dentro do panorama internacional?

O maior desafio no panorama internacional é recuperar nosso espaço no mercado que foi perdido quando quase declaramos falência e depois fomos comprados pelos indianos. Restabelecer nossa marca como uma marca de qualidade esse com certeza é o maior desafio.

Quais as pretensões para a empresa a curto e longo prazos?

No curto prazo queremos nos reintroduzir como uma das marcas líderes no mercado de maquinário de algodão, reconstruir o nome da empresa agora sobre a administração dos indianos.

No longo prazo olhamos para os mercados em emergência, e queremos nos tornar mais atuantes nesses lugares, atualmente temos uma presença boa na Ásia e Oceania, porém nosso foco será o outro lado do globo, as Américas.

Desde os anos 90, notou políticas governamentais favoráveis aos negócios? E alguma política desfavorável?

No começo dos anos 90 nossos negócios começaram a tomar um rumo diferente no Brasil, começamos a perceber uma maior demanda no país. Antes somente clientes muito abastados tinham algum contato com nosso produto. Porém as negociações se tornaram mais difíceis, antes dos anos 90 nossos clientes, apesar de menor em números, compravam mais rapidamente, só que em menor número, agora temos uma demanda maior com negociações mais demoradas e muito mais exigentes.

Há também agora muitas críticas quanto à forma de pagamento que exercemos no Brasil, utilizamos a carta de crédito, os produtores pedem para que tentemos alguma forma de financiamento com os bancos algo que os indianos estão mostrando resistência em aceitar, pois, essas práticas acredito eu, são desconhecidas lá.

Acho que se fosse seguido alguns modelos de *leasing* que são utilizados nos EUA e na Austrália, principalmente para o maquinário mais caro, o brasileiro teria um acesso mais fácil a nossos produtos.

Considera a mão de obra da região adequada para realização das atividades da empresa? Existem cursos ou treinamentos para qualificação do trabalhador?

Atualmente o estado parece prover uma melhor estrutura para nossos clientes, antigamente tínhamos que trazer uma equipe extremamente numerosa para que nosso maquinário fosse instalado corretamente no Brasil, muitos técnicos, pouco se podia oferecer do Brasil além de peões, agora nos dias atuais conseguimos fazer o mesmo trabalho com um trio ou uma dupla apenas de engenheiros nossos.

Como considera a relação entre a empresa e o espaço na qual ela está inserido? Houve dificuldade na execução das atividades? Tem conhecimento de algum tipo de incentivo que se aplicado pelo Governo poderia ajudar nos negócios?

Bom uma grande dificuldade que sempre tivemos foi com o tamanho do MT e a condição de suas estradas, antes dos anos 90 muitos dos lugares que eu visitava mal tinham estradas de terra, se os clientes não possuíssem aviões particulares era quase impossível visitar as propriedades. Agora parece que o acesso das estradas aumentou, mas a manutenção delas deixa muito a desejar, é acho que nunca visitei o MT sem passar por algum acidente grave, isso sempre me assustou e chamou a atenção.

Aonde em suas viagens você percebe a maior mudança no espaço devido ao desenvolvimento da indústria? Como você enxerga as mudanças no estado de Mato Grosso, principalmente quanto às cidades próximas as atividades da empresa?

Quanto ao desenvolvimento do estado eu percebi que surgiram muitas cidades planejadas, sem a pobreza e descaso que via em algumas cidades mais antigas, a infraestrutura dessas cidades me surpreendeu, pois elas são bem novas e bem estruturadas.

Acho que pude perceber o maior desenvolvimento do estado na parte Oeste e Norte, lá ficavam antes as fazendas em que só havia acesso por aviões particulares hoje consigo chegar nessa área do estado por carro. Claro que a capital Cuiabá e as cidades vizinhas, cresceram muito também.

Considera que o Governo atua favoravelmente ou que ele atrapalha as atividades? Explique. Quais as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia?

Eu acho que o governo do Brasil parece estar mais favorável pelo número de pessoas que agora eu atendo com meus serviços, como comentei antes, eu tinha menos clientes, agora mais produtores procuram nossos produtos, olhando também pelo desenvolvimento do estado do MT também parece que as coisas melhoraram um pouco.

Acho que as maiores dificuldades do dia-a-dia são as grandes distâncias a percorrer numa malha viária tão danificada.

Também não posso deixar de citar a desconfiança do brasileiro perante o produto que agora vem da Índia ao invés dos EUA. Apesar de todo o capital tecnológico e patentes ainda serem de origem americana os brasileiros não olham com bom olhos para os fabricantes indianos.

Eu acredito que o Brasil como os outros países em que trabalho deve ter um desenvolvimento focado na produção das plantas do algodão, isso é algo básico para que se mantenha a qualidade do produto no mercado internacional. Lembro também de um episódio onde fui visitar alguns clientes numa reunião que parecia ter sido convocada pelo governo para alertar aos perigos de novas pragas, isso me parece uma parceria saudável para que se mantenham protegidas as culturas como a do algodão.